

Em Busca do Educador Parresiasta: Ético, Verdadeiro e Aletúrgico

In Search of the Parrhesiast Educator: Ethical, True and
Aleturgic

Yvisson Gomes dos Santos
(Universidade Federal de Alagoas, Brasil)

Resumo: O presente artigo versa, em forma de apontamentos, sobre as incursões de Michel Foucault a respeito do sujeito/educador parresiasta. Entendemos a *parresía* como o dizer a verdade com franqueza e que perpassar pelo “ultimo Foucault” – aquele que pesquisou os modos de subjetivação e a ética pelos vieses da *alérturgia* que é o cuidado de si e as práticas de si. Observamos que as discursividades foucaultianas sobre o tema da *parresía* toca estreitamente numa teleologia do sujeito da moral, sendo o educador aquele que deve agir de acordo com tal expediente. Compreendendo através das leituras de Michel Foucault o que deve ser feito e o que deve ser evitado para não deixar de ser um sujeito parresiasta em sua concepção pragmática.

Palavras-chave: Foucault. Parresía. Alérturgia. Ética.

Abstract: This article deals, in the form of notes, about Michel Foucault's incursions regarding the parrhesiast subject/educator. We understand parrhesia as telling the truth frankly and passing through the “last Foucault” – the one who researched modes of subjectivation and ethics through the biases of alérturgia, which is self-care and self-practices. We observe that Foucauldian discourses on the theme of parrhesia closely touch a teleology of the subject of morality, with the educator being the one who must act in accordance with such an expedient. Understanding through Michel Foucault's readings what should be done and what should be avoided in order not to stop being a parrhesiast subject in his pragmatic conception.

Keywords: Foucault. Parrhesia. Alértugia. Ethic.

1 Introdução

Quando se dirige sobre a escrita foucaultiana, temos três fases ou etapas de seu pensamento: uma arqueológica, outra genealógica e, por último, a ética ou modos de subjetivação. Tensionadas entre si, essas etapas se distanciam umas das outras. Podemos dizer que são delimitações teóricas distintas.

Roberto Machado, pesquisador de Foucault, enunciava que esses momentos teóricos foucaultianos não se encontravam de forma linear e não menos rígidas e invariáveis. Em uma entrevista concedida a Michel Misse, assim falava Roberto Machado (2017, p. 20):

Uma das singularidades importantes de Foucault como filósofo é que ele não elabora um método de investigação rígido, invariável, universalmente válido. Sua atitude teórica é marcada – de maneira assumida e refletida – pelo provisório. Em vez de um sistema conceitual, o que há é um processo, ele mesmo histórico, pelo qual seu método é definido de modo diferente em cada obra. Foucault está sempre em constante mutação. É inegável a existência de uma mudança, de uma passagem sem continuidade da arqueologia dos saberes à genealogia dos poderes. E essa mudança é evidente em seu próprio pensamento genealógico, como uma passagem de uma genealogia do poder a uma genealogia da subjetividade. O que começou como uma pesquisa sobre os mecanismos de sujeição converteu-se numa investigação bem diferente – e também original – sobre os modos de subjetivação.

O referencial teórico deste artigo se enquadra no chamado “último Foucault”, ou seja, o da ética ou dos

modos de subjetivação, mas também pesquisaremos suas fases anteriores com a finalidade de embasar a última.

2 Parresía e alerturgia foucaultianas: desdobramentos

Uma das questões que podemos levantar sobre o período ou etapa em que Foucault trata da *parrésia* é a aproximação do filósofo com a filosofia grega, romana e da Antiguidade Tardia, numa concepção metodológica aos modos de subjetivação¹. Aqui no Brasil, ao se falar do francês, considerava-se “nosso filósofo” próximo ao pós-estruturalismo e aos pós-modernos – escolas filosóficas com metodologias específicas que ele não aprovou em seu *corpus* discursivo ou de discursividades.

Quando sabatinado após uma conferência, Foucault (2006, p. 44). argumentava em tom de exortação:

Vou tentar responder. A primeira coisa que direi é que jamais, de minha parte, empreguei a palavra estrutura. Procurem-na em *As palavras e as coisas*, e não a encontrarão. Então, gostaria muito que todas as facilidades sobre o estruturalismo me sejam poupadas, ou que se dê ao trabalho de justificá-las.

Alexandre Freitas nos diz que “o modo singular como Foucault foi inserido na crítica pós-estruturalista e pós-moderna (termos que pouco lhe agradavam), acabou por produzir e cristalizar interpretações divergentes e discrepantes, refletindo-se diretamente na recepção do seu pensamento”. (2015, p. 72-73). Colocamo-lo, neste nosso texto acadêmico, como filósofo, historiador e educador da

¹ A subjetivação como modelo metodológico em Foucault refere-se a “*substância ética, os modos de sujeição, as formas de elaboração do trabalho ético, a teleologia do sujeito moral*. Esses elementos definem a relação do sujeito consigo mesmo ou, para expressá-lo de outro modo, a maneira como o sujeito se constitui como sujeito moral”. (CASTRO, 2016, p. 408, grifos do autor).

alerturgia, e não dos métodos pós-estruturalistas e pós-modernos que têm teleologias bem definidas. Estamos com os modos de subjetivação e da ética² ao pensar o “nosso Foucault”.

Afirmamos que o ideário teórico foucaultiano, não tendo sido linear em seu trajeto de pensamento e crítica a esse mesmo pensamento, fez de Michel Foucault um pesquisador que refletia os fatos ocorridos (tanto antropológicos, históricos e filosóficos) desde os gregos até os modernos como um *virtuose* que observava, inquiria, apontava esses fatos, problematizando-os, em sua estrutura pragmática.

Esse problematizar foucaultiano poderá ser assim descrito nas palavras do filósofo, como exposto abaixo:

E se digo o que preciso fazer, não é porque acredito que não haja nada a dizer. Muito pelo contrário, penso que há mil coisas a fazer, a inventar, a forjar por aqueles que, reconhecendo as relações de poder nas quais estão implicados, tenham decidido resistir a elas ou delas escapar. Deste ponto de vista, toda a minha pesquisa se baseia em um postulado de otimismo absoluto. Não realizo minhas análises para dizer: olha só como são as coisas, vocês caíram na armadilha. Só digo essas coisas na medida em que considero que isso permite transformá-la. (FOUCAULT, 2011a, p. 344).

A palavra ou discurso que pode transformar e fazer sair da alcova discursiva que possibilitará um olhar com os olhos da teoria vinculado à realidade. Lembramos que a palavra *teoria* em seu étimo significa “olhar divino”, vem do grego *Theós*, ou seja, um olhar que é forjado pela

² De *Éthos* que advoga na concepção grega, a maneira de ser e de se conduzir na pólis.

perspicácia do leitor/autor na visagem de sua realidade e dos fatos que permeiem essa realidade, quer seja histórica, antropológica, psicológica, epistêmica, dentre outras. E quanto à pragmática?

Neste artigo, quando se alude ao pragmatismo, deve-se pensar em um itinerário muito particular. Esse *pragma* direciona-se às *práticas do cuidado de si*, as *experiências de si e as tecnologias de si*³, onde a *parrésia* se aloja sob os *modos de subjetivação e da ética*. Pensar o “último Foucault”, como ilustração, não nos aliena de pensar também a psicanálise como retomada do confessorário cristão e de normatividade dos costumes (arqueologia do saber), dos biopoderes e as coerções punitivas e de vigilância ao corpo na era clássica ao período vitoriano (genealogia do poder).

Desta feita, os *descontínuos* teóricos foucaultianos nos fizeram chegar as suas aulas e conferências dos anos 1980, onde o *lócus* da *parrésia* se expõe mais acentuadamente. Observando a reflexão desenvolvida por Foucault, nessa *descontinuidade* de seu discurso:

O fato de haver sistemas de rarefação não quer dizer que por baixo deles e para além deles reine um grande discurso ilimitado, contínuo e silencioso que fosse por eles reprimido e recalçado e que nós tivéssemos por missão descobrir restituindo-lhe, enfim, a palavra. Não se deve imaginar, percorrendo o mundo e entrelaçando-se em todas as suas formas e acontecimentos, um não dito ou um impensado que deveria, enfim, articular ou pensar. *Os discursos devem ser tratados como*

³ Compreendemos as *práticas de si* como as dietéticas (comer bem, dormir bem, ter relações sexuais moderadas). Já as *tecnologias de si* são todas as ciências que nasceram das práticas médicas (psiquiatria, psicologia, neurologia etc.), bem como da confissão católica do medievo.

O discurso produz sentido e mais sentidos quando pode se entrecruzar em suas instâncias enunciativas, entrelaçando-se e produzindo interpretação. Incitados, com Foucault, que temos vida (*bíos*) quando no ato da escritura, mesmo sendo de forma descontínua, poderá haver uma direção à realidade do sujeito (histórica, epistêmica e ética, essencialmente) – regra de ouro da escrita foucaultiana dessa terceira fase ou etapa. Podemos comunicar que esse sujeito é efeito do discurso, é efeito da linguagem; não se localizando unicamente na matéria estrutural de uma *psique* (memória, pensamento, sinapses e biologia).

Enfatizando a presente escrita, consideramos neste momento as aulas intituladas *A coragem da Verdade: o governo de si e dos outros II* (1983-1984 [2011b]). De acordo com a aula de 1º de fevereiro de 1984 (2011b)⁴, temos uma definição sobre a *parresía* como aquela que faz com que o sujeito enuncie a verdade francamente. Essa verdade é respaldada por um princípio ético e *aletúrgico*, dito de outro modo, “*a produção da verdade, o ato pelo qual a verdade se manifesta*”. (FOUCAULT, 2011b, p. 4, grifos nossos).

Falar com verdade nos coloca como educadores ao modo socrático⁵ na possibilidade de comentar com

⁴ E aulas posteriores.

⁵ O termo “educador” no sentido de *Educator*, do étimo latino, que visa à instância daquele que nutre e que cria, e, em Foucault, entendemos que, na última jornada de suas pesquisas, elas se mostraram em profundidade, multiplicidade e intensidade nas suas aulas, perfazendo um jogo parresiástico educativo como problematizador da própria educação e, por fim, de um educador parresiasta. (NOGUERA-RAMÍNEZ, 2009). Segundo Frédéric Gros (2004, p. 155): “Definitivamente, o que é que faz Foucault, pelo próprio Foucault, algo mais que um professor e algo menos que um militante, algo mais que um

franqueza aos nossos pares e/ou discípulos pela via de uma análise que tenha a verdade como fim (teleologia). Esse tipo de manifestação, como quer Foucault (2011b, p. 4):

Não se trataria, de modo algum, de analisar quais são as formas do discurso tais como ele é reconhecido como verdadeiro, mas sim: sob que forma, em seu ato de dizer a verdade, o indivíduo se constitui e é constituído pelos outros como sujeito que pronuncia um discurso de verdade, sob que forma se apresenta, a seus próprios olhos, e aos olhos dos outros quem diz a verdade, [qual é] a forma do sujeito que diz a verdade.

Nesse ínterim, podemos pensar que a verdade – causa e feito discursivo do parresiasta – se traduz em discurso e enunciados que se aproximam constantemente dos discursos da antiguidade greco-romana e, principalmente, de Sócrates. Já no V século a.C., Foucault também cita fragmentos de Sêneca, Plínio, o Moço, Marco Aurélio, Filodemo, dentre outros.

Há uma diferença aletúrgica entre o *conhece-te a ti mesmo socrático* (*Gnôth seautón*) que possui vértice cognoscente, com o *cuidado de si* que bordeja a *parrésia*. Esse *cuidado de si* em grego chama-se *epiméleia heautoû*, que “deu lugar [...] ao desenvolvimento do que poderíamos chamar de uma cultura de si, uma cultura de si na qual se vê formular, se desenvolver, se transmitir, e elaborar todo o jogo de práticas de si”. (FOUCAULT, 2011b, p. 6). A cultura de si, termo elaborado através da cultura helênica e romana, bem como do medievo, tornou-se um ideário

erudito e algo menos que um ideólogo? Esse célebre ‘retorno aos gregos’ de que se fala em relação ao último Foucault (o Foucault dos anos de 1980) se cumpre num redescobrimto final da figura de Sócrates como ‘parresiasta’, irmão um instante sonhado, duplo sorridente”.

foucaultiano em suas últimas pesquisas. *A prática de si*, ou sua forma pluralizada, *as práticas de si*, possuem um contorno pragmático, mas também ético. Os jogos parresiásticos nos dirão isto.

Quando se fala em *parresía*, o mesmo Foucault nos dá outra definição, agora etimológica, sobre esse termo – o consideramos pontual, a saber: “a *parrésia*, [...] é etimologicamente a atividade que consiste em dizer tudo: *pân rêma*, *Parresiázesthai* é ‘dizer tudo’. O *Parresiastés* é aquele que diz tudo”. (2011b, p. 10).

Nesse dizer com verdade e ética, o parresiasta tem de se responsabilizar pelo seu enunciado franco e verdadeiro, tal como Sócrates na *Apologia*, de Platão, os jogos parresiásticos se entrecruzam, pois:

É preciso que a enunciação da verdade intervenha em condições bem definidas: não se é parresiasta por simplesmente dizer a verdade que, quando diz a verdade, se expõe a risco: é sua coragem que se mostra em sua ação de dizer a verdade. (ADORNO, 2004, p. 60).

O dizer em *risco* é apontado por Foucault que não há *parrésia* que se concretize de forma pejorativa, nem na retórica, muito menos em falas proféticas, e sem deixar de citar a lisonja (elogiar não é *parrésia*). Faz-se necessário uma legitimidade daquilo que se diz. Na relação de quem emite a verdade e de quem a recebe, citamos:

Assim, aquilo que o mestre traz como verdade; o que ele escolhe dizer como verdadeiro e o que o discípulo dispõe de instrumento – instrumento circunscrito pelo discurso do mestre que escolhe e decide o que é verdadeiro e acaba possibilitando que a produção de uma verdade do discípulo -, seja

a nosso modo de ver, um entre possível através do discurso do mestre com o que o discípulo escolhe para se dizer sujeito da verdade e, portanto, sujeito contemporâneo. (SANTOS, [s.d], p. 72).

Nessa discursividade do mestre e do discípulo (de Sócrates e seus seguidores – como *imago* a ser seguida), ou, como queiram, do educador e do educando, a verdade deve ser um instrumento de bem-dizer a própria verdade, tendo como eixo axial, de acordo com Freitas a “arte da existência que só tem como sustentar em um deslocamento radical do próprio registro pedagógico, uma vez que, na discussão travada por Foucault (2015, p. 85), Sócrates simultaneamente refuta e recria o papel do professor”.

Se operarmos com a *maiêutica socrática* na relação mestre/educador e discípulo/aprendiz, a premissa do pensamento foucaultiano se aloja em um movimento de redescobertas dentro do registro pedagógico. Esse registro se anima com a prática de falar à verdade que não obscurece e com a formação do cidadão grego para a vida adulta e de governabilidade. Dessa forma, *parrésia* tem a ver com a governabilidade do sujeito pela ótica de uma subjetivação que o leve ao princípio de eticidade. A *parrésia*, se pudermos fazer uma síntese, fornece elementos aletúrgicos ao cidadão livre. Alerturgia como *cuidado de si e práticas do cuidado de si*. Dito isto, precisamos retomar as práticas não parresiásticas ou que ignoram a matriz da verdade com franqueza. Falemos da *parrésia* pejorativa.

Por que ela não pode ser pejorativa? Refletimos com Foucault que o lado negativo da uma educação parresiástica poderá ser a pejorativa. Para tal, lembramos, a título de ciência ao leitor deste artigo, sobre o

dramaturgo grego Aristófanes (o qual Foucault citará abaixo), em sua obra *As Rãs*, que teimava em macular Sócrates como filósofo/educador/dialético e seus governantes do século V a.C. – ele também se utilizava de palavras de baixo-calão, à época, na referida obra literária. Sabemos que Aristófanes se destacou por ser um escritor de peças cômicas, estando até no *Banquete*, de Platão, com seus seres circulares, andrógenos e míticos.

Foucault nos faz lembrar que a *parrésia* pode ser empregada com valores pejorativos e cita Aristófanes como ilustração dessa prática pejorativa:

Encontramos o valor pejorativo, pela primeira vez, creio, em Aristófanes, e depois, muito correntemente, até na literatura cristã [...] A *parrésia* consiste em dizer tudo no sentido que se diz qualquer coisa [pensando em Aristófanes], o parresiasta se torna e aparece então como um tagarela impenitente, como aquele que não sabe se conter ou, em todo caso, como aquele que não é capaz de indexar seu discurso a um princípio de racionalidade e a um princípio de verdade. (2011b, p. 10).

Deve-se observar que um parresiasta pode falar ou dizer qualquer coisa, tal como o dramaturgo grego citado acima, mas não será efetivamente um parresiasta, pois se expõe com dissimulações em uma fala de tagarela e de forma pejorativa⁶. O dizer franco passa pelo caminho da ética, isso porque tende a transformar ontologicamente o outro/ouvinte de modo que não haja dissimulação nem “ornamento retórico”. (*Idem*, p. 11). Falamos, agora, sobre os retóricos que eram pedagogos com diferenças claras de um educador parresiasta.

⁶ De “*Pejorare*”, vocábulo que indica depreciação.

Compreendendo que um educar parresiasta é aquele do “dizer tudo”, mas indexado com a verdade: dizer tudo da verdade, não ocultar nada da verdade, dizer a verdade sem mascará-la com o que quer que seja”. (*Ibidem*). Esse dizer que se desmembra em enunciados efetivados na ordem da verdade parresiástica parte, primeiramente, da “manifestação de um vínculo fundamental entre a verdade dita e o pensamento de quem a disse; [segundo], questionamento do vínculo entre os dois interlocutores (o que diz a verdade e aquele a quem a verdade é endereçada)” (*Ibidem*, p. 12).

Temos de ter uma relação amistosa entre os interlocutores para que o falar com franqueza se estabeleça. A forma como isto ocorre refere-se, por exemplo, a imagem de Sócrates, antropólogo de seu tempo, ao se defender sobre acusações que o fizeram. Lê-se:

É justo, pois, cidadãos atenienses, que em primeiro lugar, eu me defenda das primeiras acusações que me foram apresentadas, e dos primeiros acusadores; depois, me defenderei das últimas e dos últimos. *Porque muitos dos meus acusadores têm vindo até vós há bastante tempo, talvez anos, sem jamais dizerem a verdade*; a esses eu temo mais do que a Anito e aos seus companheiros, embora também sejam temíveis estes últimos. Mais temíveis, porém são os primeiros, ó cidadãos, os quais tomando a maior parte de vós, desde crianças, vos persuadiam e me acusavam falsamente, dizendo-vos que há um tal Sócrates, homem douto, especulador das coisas celestes e investigador das subterrâneas, e que torna mais forte a razão mais fraca. Esses, cidadãos atenienses, que divulgaram tais coisas, são os acusadores que eu temo; pois aqueles que os

escutam julgam que os investigadores de tais coisas não acreditam nem mesmo nos Deuses. (PLATÃO, 2009, p. 10, grifos nossos).

As acusações dirigidas a Sócrates fizeram Foucault indagar se um discurso retórico pode prejudicar o discurso de *parrésia* (ser um falseamento da verdade). Para tanto, quando se fala em retórica, compreende-se que “não há vínculo entre aquele que fala e o que ele diz, mas a retórica tem por efeito estabelecer um vínculo obrigatório entre a coisa dita e aquele ou aqueles a quem ela é endereçada”. (FOUCAULT, 2011b, p. 14).

Para Aristóteles (2007, p. 10), como ilustração ao tema da retórica:

A retórica é a outra face da dialética; pois ambas se ocupam de questões mais ou menos ligadas ao conhecimento comum e não correspondem a nenhuma ciência em particular [...] De fato, todas as pessoas de alguma maneira participam de uma e de outra, pois todas tentam em certa medida questionar e sustentar um argumento, defender-se ou acusar.

Ao estagirita a retórica visa o argumento e defesa, entretanto poderá ser um argumento não válido que sustenta o edifício de um discurso. Foucault vai de encontro a esse tipo de pedagogia afirmando “que o retórico é, ou pode perfeitamente ser, um mentor eficaz que constrange os outros. O parresiasta, ao contrário, será o zelador corajoso de uma verdade em que ele arrisca a si mesmo e sua relação com o outro”. (2011a, p. 14). Essa coragem de dizer a verdade tem relação intrínseca com o outro/ouvinte, a saber o problema do ser do sujeito e o que se passa nesse sujeito que endereça enunciados de verdade a outrem.

Na leitura das aulas foucaultianas, falaremos agora da *Coragem da Verdade: o Governo de Si e dos Outros II* (1983-1984 [2011b]). O termo coragem vem do latim que significa em seu prefixo *coração*. Quando lemos essas aulas, conseguimos compreender que falar com franqueza é falar também com o coração/coragem. Essa coragem se direciona à *uma prática de si*, na qual “o parresiasta não revela a seu interlocutor o que é. Ele desvela ou o ajuda a reconhecer o que ele, interlocutor é”. (FOUCAULT, 2011b, p. 19). Nessa *prática de si*, temos outro contraponto a um parresiasta: o profético. Foucault nos asseverou da problemática desse profeta, pois ele fala de um lugar divino, não diz a sua verdade. Um educador profeta seria aquele que se distancia da verdade de si para dizer uma verdade do outro e não dele mesmo – fazemos esse paralelo. “O profeta não fala por si, mas em nome do outro, e articula uma voz que não é a dele, ao contrário, o parresista, por definição, fala em seu próprio nome”. (2011b, p. 16).

Na ação profética das páginas de *Édipo Rei*, de Sófocles (2012), há Tirésias que diz a fala dos deuses, dos destinos fatídicos do personagem principal da obra. O discurso vem desse outro que não é o de si mesmo (mas do Outro/deus), danificando uma lógica principal da *parrésia* que é de emitir sentido advindo de si mesmo para o outro/ouvinte. A responsabilidade do educador parresiasta se distancia de uma fala oracular, tal como em Tirésias.

Da mesma forma com o sábio. Ele guarda para si, feito ermitão, uma verdade que não franqueia e que não faz o translado ao outro/ouvinte. Com o sábio, Foucault irá dizer que “enquanto o sábio mantém em silêncio e responde parcimoniosamente, o menos possível [...] o *parresiasta é o indefinido, o permanente, o insuportável*

interpelador". (2011, p. 18, grifo nosso). O insuportável interpelador que se encontra num jogo discursivo de forma premente, diferentemente, da do sábio. E que jogo é esse?

O que está em jogo é o discurso e sua enunciação (aquilo que dá sentido ao que se fala num contexto comunicativo). De acordo com Helena Brandão, esse sujeito do discurso que Foucault dá vazão pelos vieses de seu interpelador, Sócrates, tem "[...] uma função vazia, *um espaço a ser preenchido por diferentes indivíduos*". (2007, p. 34, grifo nosso). Ou em outra leitura, esse discurso é um "conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diversos [ou a certos] planos discursivos". (REVEL, 2011, p. 41). Na alocação da verdade do parresiasta, o vazio se preenche com a fala do dizer-francamente – o discurso se entrecruza com vários indivíduos dentro do mesmo discurso, ou seja: o que se diz carrega personagens, leis, códigos, costumes, culturas históricas que fazem o sujeito ser aquilo que é em seu tempo contemporâneo e/ou extemporâneo – a isso chamamos de planos discursivos.

Foucault (2014) nos assegura que não se pode elidir a coragem do dito com a verdade deste dito. O sujeito deve ser responsabilizado por aquilo que fala ao ouvinte e precisa se arriscar. Temos a forma não usual a um parresiasta que é a *tékhnē*⁷, pois Sócrates, mentor deste

⁷ "Nessa ideia daquele que possui um saber de *tékhnē*, que o recebeu e vai transmiti-lo, encontramos esse princípio de uma obrigação de falar, que não encontramos no sábio, mas que encontramos no parresiasta. Porém, esse professor, esse homem da *tékhnē*, do *know-how* e do ensino, nessa transmissão do saber, nesse dizer-a-verdade que ele mesmo recebeu e vai transmitir, vemos que não assume nenhum risco – e é isso que faz a diferença com um parresiasta". (FOUCAULT, 2011b, p. 24). Neste modo, o educador de uma técnica de transmissão de conhecimento, tendo o conteúdo aprendido e franqueado a seus alunos, não se *arrisca* tal como o parresiasta, ou seja, não faz a diferença. Aventamos que ele enuncia, transmite o saber, mas não *ousa*, não problematiza e não se atreve no dizer-franco. Esse professor e/ou educador será a peça fundante que nos dirá da possibilidade da existência de um profissional da educação que diga a verdade, agora se arriscando através das práticas de si (como alcance para se tornar

“último Foucault”, evita “ocupar o lugar de um professor de uma arte [...], qualquer que ela seja, e *junto dessa refutação estabelece um novo olhar de maestria, o de guiar todos os outros pelo caminho do logos para que se cuidem de si mesmos e, eventualmente, dos outros*”. (KOAN, 2011, p. 63-64, grifos nossos). Esse *cuidar de si* (seu *ethos*) não se mostra quando se faz lisonja, profecia, retórica, e, sendo sábio, não diz o todo do discurso: falseia, esconde, oblitera, pergunta sem responder.

O próprio Sócrates, sendo amigo da sabedoria, e desta feita sábio, detinha uma técnica de educador. Mas um educador que foi além da *tékhnē* e se tornou um parresiasta. Sua atenção estava voltada para o *cuidado de si* como um trajeto de sua história pessoal e discursiva.

A leitura que fazemos, com Foucault, é de interesse à *subjetivação do sujeito*, – parece um pleonasma vicioso (mas não é)⁸ – que esse próprio sujeito se torne *consciente de si*, que se governe para poder governar os outros, tal como um educador parresiasta.

Poderão existir *técnicas de si* para que o sujeito se governe visando governar os outros (a função do educador). Para se compreender essas *técnicas de si* como

um educador aletúrgico), mesmo que seja, *a priori*, aquele que recebeu o conhecimento de uma técnica, mas não avançou nessa técnica como faz um parresiasta, segundo “nosso Foucault”.

⁸ Essa tensão entre sujeito e subjetivação, como díspares, *a priori*, será lembrada por Foucault, leitor de Lacan, nas seguintes palavras: “[...] nós descobríamos que a filosofia e as ciências humanas viviam sobre uma concepção muito tradicional do sujeito humano, e que não bastasse dizer, ora uns, que o sujeito era radicalmente livre, e ora com outros, que ele era determinado por condições sociais. Nós descobríamos que era preciso procurar libertar tudo o que se esconde por trás do uso aparentemente simples do pronome ‘eu’ (je). O sujeito: uma coisa complexa, frágil, de que é tão difícil falar, e sem a qual não podemos falar”. (FOUCAULT, 2014c, p. 301-302). Na acepção exposta por Foucault, podemos aferir que o sujeito como sujeito está ainda em uma ortopedia do eu, e que a subjetivação – aquela em (des)construção contínua e histórica – alcança patamares distintos na diacronia das complexidades que a subjetivação nos fornece na leitura lacaniana referendada por Foucault.

problematizadora, citamos Frédéric Gros:

A problematização dessas “técnicas de si”, frequentemente diferenciadas das técnicas de produção, comunicação e dominação, permite a Foucault problematizar um sujeito que não é simplesmente atravessado e informado pelas governabilidades exteriores, mas constrói, em meio a exercícios regulares, uma relação a ser definida. Essa espessura é de um lado a outro histórico, estruturando para o indivíduo certa experiência de si mesmo. (2014, p. 308, tradução nossa).⁹

Essas *experiências de si* somente se efetivam com o falar francamente do parresiasta. É na *parresía* que continuamos a dizer-a-verdade a todo custo, mesmo que tenhamos *riscos ou advertências* sobre a enunciação. Na historicidade desse falar, dessa preleção, o esteio parresiástico tornar-se e se movimenta pelas vias da eticidade. Talvez lugar comum de quem fale parresiasiticamente, mas não! Como foi dito, poderá haver aquele que discursa de forma retórica, lisonjeira, profética e sábia, todavia, segundo Francesco Adorno, “[...] o sujeito implicado nessa relação com a verdade não enuncia simplesmente uma opinião, sua opinião pessoal, mas se expõe enquanto sujeito da opinião enunciada, manifesta-se enquanto sujeito do *enuntiandum*”. (2004, p. 61). Logo, o parresiasta se responsabiliza pelo seu dizer-a-verdade a sua própria existência – seu *enuntiandum*. Torna-se sujeito daquilo que fala com liberdade, mas sem se esquecer do

⁹ Do original: “La problématisation de ces ‘techniques de soi’, souvent différenciée des techniques de production, de communication et de domination, permet à Foucault de problématiser un sujet qui nest pas simplement traversé et informé par une gouvernabilité externe, mais qui construit, au milieu d’exercices réguliers, une relation ensemble. Cette épaisseur est historique et structurelle, structurant pour l’individu une certaine expérience *de lui-même*”. (GROS, 2014, p. 308).

ethos que o identifica como sujeito do falar com franqueza – algo que inexistia nos retóricos, sábios e profetas, bem como nos lisonjeiros.

Voltando a Sócrates, que se utiliza de recursos metodológicos para falar francamente, tais como a ironia e seu parto das ideias (*maiêutica*), que em Foucault, ganha sempre uma atenção especial. Alguns gregos não cultivavam a isegoria (como Sócrates), esse dizer retórico nas Assembleias. Atestava Foucault que o ateniense não fez política, pois se subisse a tribuna morreria. Ei-lo: “o [diálogo] da *Apologia* em que Sócrates diz: não ‘fiz política’, como quem diz, não subi a tribuna porque, se subisse, teria morrido” (FOUCAULT, 2011b, p. 64).

O princípio ético em Sócrates o atestava que sua fala franca poderia colocá-lo no cadafalso e na morte. Isso de fato aconteceu. Seu *lócus* de atuação era a academia ou a praça pública (*ágora*). O espaço da assembleia ou tribuna era dos isegoristas, não de Sócrates.

O ateniense, sendo acusado de corromper a juventude e a crença nos deuses, bebeu a cicuta, mas não deixou esses mesmos deuses à mercê pela sua extenuação. Foucault (2011) lembra que no leito da morte ele pediu homenagens a Esculápio – uma oferta de um galo ao deus não poderia ser esquecida.

Foucault utiliza-se, mais uma vez, da obra platônica, *A Apologia*, para falar sobre o governante parresiasta que Sócrates não foi por dizer-a-verdade com franqueza. Nessa referida obra, na interpretação foucaultiana, o grego alude que “meus adversários mentem, eu digo a verdade. Segundo diz Sócrates: meus adversários são hábeis em falar (*deinòs légein*); já eu, diz ele, falo simplesmente, diretamente, sem habilidade e sem aparato”. (*Ibidem*).

Uma das explicações possíveis a esses adversários é

a de que eles se utilizam da retórica e não falam com franqueza. A ação de falar francamente de forma linear e sem subterfúgios fez do grego uma ameaça a sua cidade (*pólis*). Na *Hermenêutica do Sujeito*, assim diz o francês:

A *parrésia* (a *libertas*, o falar franco), é, pois, esta forma essencial – e deste modo resumiria o que queria dizer-lhes sobre a *parrésia* – da palavra do diretor: palavra livre, independente de regras, livre dos procedimentos da retórica, por que ela deve, por um lado, certamente, adaptar-se à situação, à ocasião, às particularidades do auditor [...] o sujeito que fala se compromete. (*Idem*, 2010a, p. 340).

Nesse comprometimento, Sócrates se encontrava, e por isso, era um educador parresiasta. A liberdade em seus enunciados, mesmo escritos por seu discípulo Platão, traduzia-se como palavras de fala livre. A objeção dele para participar das assembleias e Tribunas poderia fazê-lo, como diz Foucault (2011b, p. 64): “esquecer o que sou”. Esse esquecimento, mesmo se tratando do demônio socrático que o encabulava algumas vezes (fazendo-o esquecer de suas atividades diárias), deverá ser visto como o esquecimento da falta de verdade ao dizer a verdade, ou, como queiram: o esquecimento de “praticar a ética do cuidado de si, ou seja, [de] uma ‘liberdade refletida’”. (PRADEAU, 2004, p. 137). *Parrésia* que em latim se refere à liberdade ou a falar francamente – uma modalidade que o educador deve possuir em suas *práticas de si*, de forma refletida.

Essas *práticas de si* advêm do pensamento, a saber: o pensamento instala as *práticas de si* de forma harmônica; “neste sentido, o pensamento é considerado como a forma mesma da ação, como ação na medida em que ela implica

um jogo verdadeiro e do falso, a aceitação ou rechaço da regra, a relação consigo mesmo e com os outros". (CASTRO, 2016, p. 338). Nessa acepção, podemos dizer que o pensamento tem estreita na relação com a experiência, e essa experiência se faz de *práticas de si ou do cuidado de si* no dizer-a-verdade sobre essas práticas.

Considerações Finais

Neste artigo, dentro da filosofia de Michel Foucault, buscou-se discutir a relação entre um educador parresíasta – aquele que diz a verdade com franqueza – que se dará pelo arriscar-se do educador, respeitando o campo ético e dialético dos sujeitos envolvidos. Na acepção do francês, e esgarçando-o a nossa interpretação, falamos de um tempo dos *modos de subjetivação* (CASTRO, 2016), no qual o educador necessita se *arriscar* para lidar com seus discentes de forma ética e verdadeira.

Esse arriscar compete a não ser um mero imitador, retórico, lisonjeiro ou oracular/educador, mas formar os sujeitos da Educação dentro da crise - crise que nasce da palavra crítica - em que os mesmos se encontram no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, na relação do educador franco, as crises tendem a avançar ao *conhece-te a ti mesmo* socrático, bem como ao *cuidado de si* foucaultiano, estabelecendo o discurso da verdade.

Referências

ADORNO, F. P. A atividade intelectual: o modelo socrático. *In.*: **Foucault**: a coragem da verdade. F. Gros (Org). São Paulo: Parábola Editorial: 2004.

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Rideel, 2007.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Unicamp, 2007.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos

seus temas, conceitos e autores. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica: 2016.

FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes: 2011b.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2011a.

FOUCAULT, M. Lacan: o libertador da psicanálise. *In. Ditos e Escritos 1*: Foucault: problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária: 2014.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Trad. António F. C. e Eduardo Cordeiro. 6. ed. Lisboa: Nova Vega, 2006.

FREITAS, A. S. *A parresía* pedagógica de Foucault e a reativação da noção de cuidado de si. *In.*: BARBALHO, J. I. S (Org). **Foucault**: história, ética e subjetivação. Maceió: EDUFAL, 2015.

GROS, F. Introdução: a coragem da verdade. *In.*: GROS, F. (Org). **Foucault**: a coragem da verdade. São Paulo: Parábola, 2004

GROS, F. Sujet Moral et soi éthique chez Foucault. *In.*: FOUCAULT, M. **Subjectivité et Vérité**. Paris: Gallimard, 2014.

KOAN, W. **Sócrates e a educação**: o enigma da filosofia. São Paulo: Autêntica, 2011.

MACHADO. R.. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

NOGUEIRA-RAMIREZ, C. E. N. **Foucault professor**. Revista Educación y Pedagogía, n. 55, p. 131-149, 2009. Disponível em:

<<https://revistas.udea.edu.co/index.php/revistaeyp/article/view/9762>.> Acesso em: 29 out. 2021.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Trad. Manuel de Oliveira Pulquério. Edições 70: Lisboa, 2009.

PRADEAU, J. F. O sujeito antigo de uma ética moderna. *In.*: **Foucault**: a coragem da verdade. F. Gros (Org). São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

REVEL, J. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2011.

SANTOS, G. S. **Da parresía à realidade**: pensando a constituição docente na educação matemática contemporânea. [s.d]. Disponível em <file:///C:/Users/Yvisson/Downloads/54391-221963-1-PB.pdf> Acesso em: 10 jan. de 2019.

SÓFOCLES. **Rei Édipo**. Trad. Flávio Ribeiro de Oliveira. São Paulo: Odysseus, 2012.

Yvisson Gomes dos Santos

Professor de Filosofia da SEDUC/AL. Mestre em Educação pelo PPGE/CEDU/UFAL. Doutor em Educação pelo PPGE/CEDU/UFAL. E-mail: yvissongomes@hotmail.com.

Submetido: 17/10/2021

Aprovado: 15/12/2021